

Educação em saúde bucal coletiva: uma autoetnografia da fada do dente

Renata de Oliveira Cartaxo¹

Resumo

A educação em saúde bucal e os procedimentos preventivos são a base do cuidado odontológico e a ludicidade torna-se uma importante aliada. O objetivo deste estudo foi desvelar as memórias imbricadas em um projeto de ensino que reúne a fantasia e a odontologia. Realizou-se uma autoetnografia com técnica de observação participante a partir do registro de anotações, resgate de memórias, exercício da reflexividade, crítica e interpretação. Foram utilizadas fotografias que, além de ilustrar, também compuseram a etapa de resgate de memórias e documentação. Emanaram duas categorias reflexivas: 1. a professora fada; 2. fada do dente e o imaginário infantil: do encantamento à cooperação. Foi possível constatar a importância da construção do vínculo com o paciente infantil para seu engajamento e colaboração com o processo de cuidado odontológico; a figura da fada do dente causa impacto, resgate de memórias de fantasia, encantamento e adesão aos temas trabalhados, além de construir vínculos.

Palavras-chave

Educação em saúde. Odontopediatria. Pesquisa qualitativa. Ensino. Interação social.

¹ Doutora em Ciências da Saúde pelo Centro Universitário Faculdade de Medicina do ABC, São Paulo, Brasil; professora adjunta da Universidade de Pernambuco, campus Arcos, Brasil; membro do Núcleo de Integração Ensino Serviço. E-mail: renacartaxo@gmail.com.

Oral health education: an autoethnography of the tooth fairy

Renata de Oliveira Cartaxo²

Abstract

Oral health education and preventive procedures form the basis of dental care, with playfulness becoming an ally. The study aimed to unveil the memories intertwined in a teaching project that combines fantasy and dentistry. An autoethnography was conducted using participant observation technique through the recording of notes, retrieval of memories, exercise of reflexivity, criticism, and interpretation. Photographs were used, which not only illustrated but also composed the memory retrieval and documentation stage. Two reflective categories emerged: 1. the tooth fairy teacher; 2. the tooth fairy and children's imagination: from enchantment to cooperation. It was possible to ascertain the importance of building a bond with pediatric patients for their engagement and collaboration with the dental care process; The figure of the Tooth Fairy has an impact, recalling memories of fantasy, enchantment, and adherence to the themes worked on, as well as forming a bond.

Keywords

Health education. Pediatric dentistry. Qualitative research. Teaching. Social interaction.

² PhD in Health Sciences, ABC Medical School University Center, State of São Paulo, Brazil; adjunct professor at the University of Pernambuco, Arcoverde campus, State of Pernambuco, Brazil; member of the Teaching-Service Integration Center. E-mail: renacartaxo@gmail.com.

Introdução

O processo de ensino-aprendizagem vem se modificando ao longo do tempo e tomando novas formas devido às crescentes demandas de metodologias alternativas que auxiliem em tal processo. O aluno tem, cada vez mais, adotado uma postura ativa e autônoma no processo de construção do seu próprio conhecimento (Paiva *et al.*, 2017). Ainda há a necessidade de transformar o conteúdo construído em sala de aula em informações acessíveis à sociedade, de modo que sejam multiplicadas de forma eficaz. Assim, conforme apontado na obra de Freire e Faundez (1985, p. 25), é preciso que o educando descubra a “relação dinâmica, forte, viva, entre palavra e ação, entre palavra-ação-reflexão”.

A luta pela consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) é constante. Os componentes curriculares do eixo da Saúde Coletiva discutem conteúdos referentes ao direito à saúde, políticas públicas de saúde, saúde bucal no SUS, educação em saúde, cultura, uso de fluoretos, promoção e prevenção em saúde geral, bucal e humanização. São conteúdos interdisciplinares que permeiam também a área da odontopediatria, dentística restauradora e cariologia. Tais discussões ainda se encontram restritas à ambientes inacessíveis a diversos setores da sociedade e, quando acessíveis, nem sempre contam com a linguagem apropriada ou se tratam de informativos engessados, que não fazem menção ao lúdico, não contemplam de forma interessante ou não cativam para uma real mudança de hábitos em saúde bucal (Noro, 2019).

Em estudos nacionais e internacionais, notou-se que, no período da infância, é de extrema importância a inclusão de novos hábitos, principalmente em âmbito escolar, no qual a educação é um fator considerável e decisivo, possibilitando o início de novos caminhos e conceitos, de modo a adquirir novos conhecimentos e hábitos com os quais não estão acostumados, melhorando a qualidade de vida das pessoas (Sigaud *et al.*, 2017).

A comunidade acadêmica vinculada aos Bacharelados em Odontologia, pautados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, preocupa-se com a realização de atividades extramuros da Universidade, que reafirmem o compromisso universitário com a transformação social. Assim, a criação e execução de produtos e/ou metodologias visando à melhoria do processo educacional, com a utilização de diversos recursos que busquem a qualificação de ações relacionadas às práticas pedagógicas são imprescindíveis para abordar o conteúdo interdisciplinar em benefício da saúde bucal, inovando pedagogicamente, fortalecendo o ensino na graduação e ampliando o acesso à saúde bucal. Pretendeu-se, portanto, compreender como

a personagem da fada do dente impactou as estratégias pedagógicas ao longo de dois anos do projeto de ensino “Esquadrão das fadas do dente: saúde bucal coletiva em ação”.

Metodologia

O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa pela estratégia da autoetnografia e técnica de observação participante, uma vez que os significados aqui estudados emanam do sujeito, que é o objeto de pesquisa. As pesquisas de caráter qualitativo buscam compreender pensamentos, comportamentos e sentimentos humanos, é utilizada de forma ampla nas ciências sociais e, cada vez mais, vem se popularizando também na área da saúde, uma vez que são priorizadas as complexidades das relações, sob a premissa de que os sujeitos interagem a partir de construções baseadas em seus interesses, cultura e ideologias (Minayo; Guerriero, 2014).

“A autoetnografia parte do pressuposto que o conhecimento não tem como ser neutro nas instituições educacionais e nem fora delas” (Motta; Barros, 2015). Chang (2016) *apud* Ferreira (2022) afirma que a autoetnografia se propõe a descrever e interpretar determinada situação, sendo objeto de seu estudo o sujeito, grupo e contexto com o qual interage, mas também o próprio autor. Assim, a pesquisadora está imersa nos fenômenos sociais que documenta e cujas cenas observadas não existem sem a sua presença enquanto etnógrafa.

Para tanto, a partir de uma vivência prévia das interações, foi realizada a documentação de anotações, resgate de memórias, exercício da reflexividade crítica e, por fim, a interpretação. Foram utilizadas ainda, nesta análise, fotografias que, além de ilustrar, também compuseram a etapa de resgate de memórias e documentação. A fase de interpretação foi realizada à luz do referencial teórico de Freire (1996) na obra *Pedagogia da autonomia*.

Desse exercício anteriormente descrito, emanaram duas categorias reflexivas: 1. a professora fada; 2) fada do dente e o imaginário infantil: do encantamento à cooperação. Os resultados serão apresentados por narrativas reflexivas, seguida de citação do referencial teórico e fotografias, discutidas com a literatura pertinente da área da odontopediatria, saúde coletiva, artes e antropologia.

As vivências aqui interpretadas aconteceram ao longo de um ano e referem-se a um recorte do projeto de ensino intitulado “Esquadrão das fadas do dente: saúde bucal coletiva em ação”, que contou com o fomento do edital Prograd/PFA/UPE nº 9/2021 da Universidade de Pernambuco (UPE). O cenário deste estudo deu-se em meu corpo interagindo com o público de estudantes universitários e o público infantil atendido em virtude do projeto em variados

espaços, como escolas públicas, privadas e, ainda, em praças públicas. Constaram nesta comunicação científica experiências vividas nos municípios de Arcoverde e Garanhuns, no estado de Pernambuco.

Como consideração ética, foi realizada a ocultação de nomes de escolas a fim de zelar pelo sigilo e anonimato. As figuras foram escolhidas de modo a preservar o rosto das crianças. As narrativas aqui colocadas são da própria autora, rosto que figura nas fotos da personagem da fada, neste sentido, está em consonância com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, ao tratar da constituição de uma pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem da prática profissional e que não identifique sujeitos.

Resultados e Discussão

As impressões fruto da reflexividade aqui colocadas surgem da atuação docente de ensino superior no curso de Bacharelado em Odontologia no Sertão do Moxotó, em Pernambuco, mas permeiam total influência da formação acadêmica e de vida da autora e, sobretudo, da evolução das relações interpessoais ao longo de sua trajetória pessoal e profissional e da importância dada à comunicação verbal e não verbal na criação do vínculo para o cuidado em saúde.

A professora fada

Na formação em saúde, um conjunto de competências e habilidades devem ser trabalhadas conforme direcionam as Diretrizes Curriculares Nacionais de cada curso. Na odontologia, ainda é realidade um currículo denso, extenso e de muito conteúdo, sob a base das ciências básicas, ciências odontológicas e ciências humanas. A tendência atual é que os profissionais sejam formados com um perfil crítico e humanístico:

generalista, dotado de sólida formação técnico-científica e ativo no desenvolvimento profissional permanente em função dos avanços do conhecimento; humanístico e ético, atento à dignidade da pessoa humana e às necessidades individuais e coletivas, promotor da saúde integral e transformador da realidade em benefício da sociedade; apto à atuação em equipes, de forma interprofissional, interdisciplinar e transdisciplinar; proativo e empreendedor, com atitude de liderança; comunicativo, capaz de se expressar com clareza; crítico, reflexivo e atuante na prática odontológica em todos os níveis de atenção à saúde; consciente e participativo frente às políticas sociais, culturais, econômicas e ambientais e às inovações tecnológicas (Brasil, 2021).

Freire (1996, p. 16) aponta que “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”, posto que “não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensaio estético e ético” (Freire, 1996, p. 20).

Figura 1 – Personagem da fada de dente em sua primeira atuação, junto a uma frase do autor que é referencial teórico neste estudo



Fonte: Arquivo da autora (2022).

Houve um tempo em que formar profissionais para o trabalho na área da saúde resumia-se a oferecer cursos pensados a partir da lógica da capacitação e atualização de recursos humanos. A ideia era treinar habilidades para atender a um currículo estabelecido com base em um conceito de saúde que se encontrava desarticulado das necessidades reais dos usuários e, consequentemente, das demandas de formação dos profissionais. O momento atual, entretanto, permite uma nova compreensão acerca da educação em saúde, com ilimitadas possibilidades de inventar e disseminar tecnologias educacionais no setor. Além disso, há a expectativa de mudança de uma formação mais qualificada, voltada para a prática, a fim de abordar os sujeitos, famílias e a comunidade dentro de seu contexto socioeconômico e cultural, respeitando os valores, hábitos e costumes (Noro, 2015).

Um estudo de Sena e colaboradores (2015), estudando os cursos de graduação em odontologia da UFMG, mostrou que em quase 97% das disciplinas e aulas teóricas ministradas, o conteúdo era repassado apenas como aulas teóricas expositivas. Isso demonstra uma tendência inversa ao papel do professor requerido pelas DCN, fazendo que os estudantes tenham uma atitude passiva, acrítica e que apenas reproduza as orientações transmitidas pelo professor.

Assim, para efetivação das novas DCN, que avaliam o papel do professor como facilitador da aprendizagem, gestor do conhecimento e articulador das atividades que promovem a aprendizagem dos alunos, o uso de metodologias ativas é imprescindível.

Narrativa: venho observando uma certa introspecção ou até timidez exacerbada dos estudantes universitários mais novos. Eles, que possuem grandes habilidades com a produção de conteúdo mais digital, parecem um pouco acanhados com a propositura de atividades que presumem a interação com coletividades que não sejam sumariamente roteirizadas. Há uma dificuldade que nem considero que seja com o improviso, mas com a condução de perguntas inesperadas, colocações típicas da infância e suas necessidades próprias. Me vi frente ao que temia: educação em saúde baseada na transmissão e verticalidade. Foi nesse contexto que surgiu a ideia da primeira aparição da fada. Peguei um figurino de *ballet* clássico do meu acervo, comprei asas em uma casa de itens para festas e apareci na atividade caracterizada e vi meus alunos surpresos com a atitude que, para muitos deles, era de muito desprendimento do que eles imaginavam da estética professoral. Neste dia, eles puderam ver que suas atividades roteirizadas, quando costuradas por uma intervenção que dialogava com o público, aconteciam de forma muito mais engajada e divertida. Neste dia me tornei a “professora fada” e eles, estudantes, foram provocados a também se transformarem.

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser educado, vai gerando a coragem; [...] as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem (Freire, 1996, p. 20).

Figura 2 – Professora fada em duas situações apresentando-se para o público em evento local



Fonte: Arquivo da autora (2023).

Nesse momento, apontar o desagrado com a opção dos estudantes de reproduzirem uma prática verticalizada de educação faria mais uma barreira do que ensinaria algo. Concordamos

com Freire (1996), quando reafirma que saber ensinar é criar possibilidades para a construção ou produção da educação. Criar a proposta do “Esquadrão das fadas do dente” foi criar essa possibilidade da práxis do conhecimento de forma mais autônoma, tornando o espaço de aprendizagem mais aberto à curiosidade e entendimento processual de suas questões e inibições. Conhecer a amplitude das possibilidades estratégias educacionais com clareza conduz para o respeito da autonomia das futuras escolhas estéticas e de linguagem.

É possível observar, na Figura 2, os estudantes ao fundo ainda um pouco inibidos, mas já compondo a apresentação que fora, inclusive, televisionada junto ao jornal local. Estava nesse momento acontecendo o despertar deles para se permitirem outras possibilidades de interação.

Estudos recentes têm explorado a percepção dos alunos em relação às diferentes metodologias de ensino, destacando a tendência de preferência por estratégias que exigem baixo esforço cognitivo. É comum que atividades passivas, como simplesmente ouvir uma aula, sejam percebidas como mais eficazes em comparação com metodologias ativas, como atividades práticas e resolução de problemas em grupo pelos estudantes. No entanto, a dinâmica de atividades em grupo pode, inicialmente, causar desconforto nos alunos, que podem se sentir frustrados e conscientes de suas dificuldades de compreensão. Apesar disso, a pesquisa demonstra que quanto maior o esforço e a dificuldade envolvidos - características intrínsecas de uma abordagem ativa e centrada no aluno - maior é o aprendizado alcançado. Esses resultados ressaltam a importância de repensar as práticas pedagógicas e valorizar abordagens que desafiem os alunos e promovam um envolvimento mais profundo e significativo no processo de aprendizagem (Deslauriers *et al.*, 2019).

Fada do dente e o imaginário infantil: do encantamento à cooperação

A abordagem lúdica é uma estratégia bastante importante na primeira infância, pois é nesta fase que a mente da criança trabalha a fantasia e imaginação. Agregar seu interesse em personagens e figuras mágicas à aprendizagem e aos tratamentos de saúde trazem maior vínculo e identificação, tornando o momento mais dinâmico e menos intimidador (Oliveira, 2014). A fada do dente é um personagem oriundo do folclore da Europa Ocidental e se faz presente no imaginário lúdico das crianças brasileiras. Esse encantamento na primeira infância se dá pela admiração de suas cores, brilhos e asas, independente do sexo de quem faz o personagem, podendo ser executado por homens e mulheres.

Narrativa: Por não ser uma história de origem brasileira tive um receio inicial de não existir o reconhecimento à primeira vista do personagem pelas diferentes crianças nas realidades que o projeto “Esquadrão das fadas do dente” encontrariam. Ledo engano, e talvez preconceito desta autora falha. Em todos os lumes por onde a personagem apareceu houve a imediata identificação, verbalização do nome e até contação de memórias afetivas. Foi bastante comum ouvir os relatos das crianças que “já me conheciam” que eu supostamente “já visitei”, sempre com memórias afetivas felizes. É importante pontuar que, diferente do mito mais conhecido, relacionado ao pagamento em moedas, dentro do projeto sempre fora reiterado que a fada do dente traz um dente novo e permanente. E quando ela vai até a escola, também traz uma escova nova e passa o gel mágico da fada, referindo-me à aplicação tópica de flúor. Todo o ambiente fica preenchido com a empolgação dos pequenos, seus sorrisos e o interesse deles pelo que estava acontecendo. E, concomitantemente, os estudantes de odontologia passaram a conduzir melhor suas atividades e evoluir nas habilidades de trabalho em equipe, liderança e comunicação.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria (Freire, 1996, p. 29).

Figura 3 – Personagem da fada do dente interagindo com as crianças em sala de aula, na aplicação de jogos educativos e segurando o gel mágico da fada



Fonte: Arquivo da autora (2023).

Há poucas evidências sobre a origem da história da fada do dente, mas existem alguns indícios de que provavelmente ela tenha surgido na França em um conto escrito por Madame d'Aulnoy, inicialmente com o nome *La Bonne Petite Souris* (a boa ratinha), datado no fim do século 17. Nele, uma rainha é aprisionada por um rei muito mau e, no intuito de se libertar, pede ajuda a uma ratinha em sua cela. Para isso, a roedora, que na verdade é uma fada

disfarçada, esconde-se debaixo da almofada do rei. Durante a noite, como vingança, o atormenta pelo resto da vida roendo-lhe as orelhas e o nariz. Há diferenças do mito pelos países, a personagem da fada do dente assume uma forma diferente de acordo com cada cultura. Contudo, foi apenas na metade do século 20 que essa história se tornou conhecida no Brasil como a fada do dente, na qual a fada leva moedas para as crianças e deixa embaixo de seus travesseiros em troca do “dente de leite” (Louarth, 2023).

Narrativa: Quem de perfil mais tradicional da academia olha de forma descuidada ao que está acontecendo pode, de forma ignorante, achar que se trata de uma grande recreação infantil. Mas a verdade é que a fada precede toda uma lista de procedimentos outrora impostos às crianças de forma invasiva, abrindo espaço para a desconfiança, o choro e pouca possibilidade de mudança de hábitos. A fada é um símbolo de toda uma estratégia de formação de vínculo, planejamento educacional lúdico por faixa etária, tratamento inclusivo de prevenção com acesso à escova e aos creme dentais apropriados, escovação dentária supervisionada, aplicação tópica de flúor e, ainda, tratamento restaurador atraumático. Para os estudantes de odontologia, a fada é o símbolo da interação dos conhecimentos de saúde coletiva, odontologia preventiva, cardiologia, odontopediatria, dentística, desenvolvimento das habilidades comunicacionais, de liderança e trabalho em equipe de forma autônoma. A fada é o símbolo da práxis da educação e intervenção em saúde de forma horizontalizada, amorosa, marcante e que pode, de forma perene, mudar hábitos e realidades de saúde bucal tão escancaradas em nossa realidade de desigualdade.

O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminá-los mas podemos diminuir os danos que nos causam. Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível” (Freire, 1996, p. 30).

Figura 4 – Estudantes realizando trabalhos de educação em saúde, escovação supervisionada, levantamento epidemiológico e tratamento restaurador atraumático



Fonte: Arquivo da autora (2023).

Logo, a fada do dente é uma importante personagem para a odontologia, pois suas histórias ajudam e contribuem na viabilização de um melhor atendimento, o florescimento do imaginário infantil, contribuindo para o desenvolvimento da criança, na construção das suas ideias e na forma de interação com o mundo. Também é possível ressaltar a funcionalidade da aplicação tópica de flúor na primeira infância, uma vez que a prevalência da incidência de cárie tem diminuído, e a atuação da fada do dente favorece o entendimento da criança em relação à escovação fluoretada (Principe, 2008).

A introdução de elementos lúdicos, como brinquedos, jogos e personagens imaginativos, como a fada do dente, não apenas torna o ambiente odontológico mais acolhedor e agradável para as crianças, como ajuda a reduzir a ansiedade e o medo associados às consultas e tratamentos dentários. A utilização de personagens fictícios pode ser uma ferramenta eficaz para aumentar a aceitação e a cooperação das crianças durante os procedimentos odontológicos. Ao incorporar a fada e outras estratégias lúdicas, os profissionais de odontopediatria podem não apenas melhorar a experiência das crianças no consultório, como promover uma atitude positiva em relação à saúde bucal desde a infância, contribuindo, assim, para uma maior adesão aos cuidados odontológicos ao longo da vida (Ferraresso *et al.*, 2023).

Narrativa: Em relatórios enviados para prestação de contas do projeto junto à universidade, geralmente prezamos pelos elementos adquiridos, alcance numérico das ações desenvolvidas, quantificações de materiais e procedimentos. Mas é voltando a frequentar os espaços em visitas posteriores que encontramos as crianças espontaneamente esperando sua vez pós refeição para escovar os dentes, ou o menininho que sintetizou tudo o que aprendeu no primeiro encontro com desenhos e pequenas frases e me deu de presente. Do pré-adolescente que desmistificou a figura assustadora que tinha de procedimentos odontológicos e agora frequenta o dentista da unidade de saúde. É na alegria do bilhetinho dos pais agradecendo o material de higiene ou, ainda, quando procura a escola perguntando “como foi isso da fada?”, devido à recordação diária de sua criança que conversa em casa sobre o que aprendeu, que conseguimos ter ideia do quanto marcante é a presença da fada do dente, junto a tudo que vem junto com essa presença. É muito além da técnica e da festividade, é a educação e a saúde no seu sentido mais amplo, trabalhando juntas. É ainda não estar vendado frente às desigualdades já presentes e agora afloradas pelas crises econômica e sanitária, é tentar ampliar ao acesso e a dignidade de sorrir.

Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço. É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (Freire, 1996, p. 40).

Figura 5 – O menino presenteia a fada com um desenho sintetizando tudo o que aprendeu



Fonte: Arquivo da autora (2022).

Desta forma, fica evidente que o atendimento, concomitante com as atividades lúdicas, favorece para que a consulta odontológica seja proveitosa e com a participação dos personagens certos e as brincadeiras propícias, a criança consegue compreender o que acontece a sua volta, e acreditar no mágico diante de seu desenvolvimento criativo.

Considerações finais

As experiências descritas nas narrativas autoetnográficas desenvolvidas neste estudo revelam como a personagem da fada do dente impactou as estratégias pedagógicas ao longo de um ano do projeto de ensino “Esquadrão das fadas do dente: saúde bucal coletiva em ação”, bem como o contexto de decisão por cada estratégia e prática acadêmica. Ao longo das narrativas, discorremos acerca do simbolismo do personagem frente às situações vividas, programadas ou inesperadas, especialmente em seus aspectos pedagógicos e afetivos, ressignificando a figura do cirurgião-dentista no imaginário infantil e, ainda, promovendo aos estudantes de graduação novas reflexões acerca das práticas educativas em saúde bucal coletiva, de forma mais humana, engajada, autônoma e repleta de possibilidades, que provoquem transformação social e promova realmente promoção de saúde, prevenção, tratamento, sendo, na práxis, uma ampliação do acesso à saúde bucal.

A reflexividade sobre a prática do corpo em interação aqui trabalhada sugere uma imersão complexa no “eu pedagógico” ressignificando a vivência e impulsionando processos de desenvolvimento docente, e espera estimular pesquisas etnometodológicas em realidades diversas para melhor compreensão das relações interpessoais componentes do ensino-aprendizagem em saúde.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 3, de 21 de junho de 2021.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Odontologia e dá outras providências. Brasília, DF, 2021. Disponível em:
<https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/3561/resolucao-cne-ces-n-3>. Acesso em: 13 dez. 2024.

DESLAURIERS, L. *et al.* Measuring actual learning versus feeling of learning in response to being actively engaged in the classroom. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, Berkeley, v. 116, n. 39, p. 19251-19257, set. 2019. DOI 10.1073/pnas.1821936116.
Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1821936116>. Acesso em: 3 jan. 2024.

FERRARESSO , L. F. O. T. *et al.* Playful strategies in extension actions to promote oral health with children. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 12, n. 3, 2023. DOI 10.33448/rsd-v12i3.40364. Disponível em:
<https://rsdjurnal.org/index.php/rsd/article/view/40364>. Acesso em: 2 jan. 2024.

FERREIRA, J. M. **Narrativas sobre afetações da pandemia COVID-19 em uma Unidade Básica de Saúde: uma autoetnografia.** 2022. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/55299>. Acesso em: 13 dez. 2024.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996.

LOUARTH, P. **A verdadeira história da fada do dente.** 2023. Disponível em:
<https://www.petitlouarth.com.br/blogs/news/a-verdadeira-historia-da-fada-do-dente>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MINAYO, M. C.; GUERRERO, I. C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2014. DOI 10.1590/1413-81232014194.18912013. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/DgfNdVrZzZbN7rKTSQ8v4qR/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MOTTA, P. M. R.; BARROS, N. F. Resenha. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 6, p. 1339-1340, 2015. DOI 10.1590/0102-311XRE020615. Disponível em:
<https://cadernos.ensp.fiocruz.br/ojs/index.php/csp/article/view/5948>. Acesso em: 13 dez. 2024.

NORO, L. R. A. *et al.* O professor (ainda) no centro do processo ensino-aprendizagem em Odontologia. **Revista da ABENO**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 2-11, jan./2015. DOI 10.30979/rev.abeno.v15i1.146. Disponível em: <https://revabeno.emnuvens.com.br/revabeno/article/view/146>. Acesso em: 13 dez. 2024.

PAIVA, M. R. F. *et al.* Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: uma revisão integrativa. **SANARE**, Sobral, v. 15, n. 2, p. 145-153, 2017. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1049>. Acesso em: 13 dez. 2024.

PRINCIPE, G. F.; SMITH, E. The tooth, the whole tooth and nothing but the tooth: how belief in the Tooth Fairy can engender false memories. **Applied Cognitive Psychology**, Chichester, v. 22, n. 5, p. 625-642, jul. 2008. DOI 10.1002/acp.1402. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2008-10465-003>. Acesso em: 13 dez. 2024.

SIGAUD, C. H. S. *et al.* Promoção de higiene bucal de pré escolares: Efeitos de uma intervenção educativa lúdica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 70, n. 3, p. 545-551, maio/jun. 2017. DOI 10.1590/0034-7167-2016-0237. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/KD68FQZmXxnPSPhYVFcDbfk/?lang=pt>. Acesso em: 13 dez. 2024.

SENNA, M. I. B. *et al.* Procedimentos de ensino adotados no curso de graduação em Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais: uma análise documental. **Arquivos em Odontologia**, Belo Horizonte, v. 51, n. 3, p. 129-137, set. 2015. Disponível em: http://revodontobvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-09392015000200002. Acesso em: 12 dez. 2024.

Submetido em 6 de maio de 2024.
Aprovado em 6 de novembro de 2024.